

A DÉCIMA OITAVA DINASTIA

Como coros textos oficiais relativos à história do Egito, o primeiro faraó da 18^A dinastia foi Ahmoses, nome que significa "Aquele que foi gerado pela lua ". Quando subiu ao poder, seu país estava sob o domínio dos Hicsos, povo guerreiro provindo da Ásia. Embora fosse pacifista, ele decidiu expulsá-los, o que conseguiu fazer após reorganizar totalmente o exército Egípcio. A partir de então o Egito reencontrou sua independência política, econômica, cultural e religiosa, e conheceu um novo período de prosperidade. Podemos considerar, inclusive, que Ahmoses pôs fim ao período de obscurantismo que o Egito atravessava desde o término do Médio Império. Ao falecer, seu filho Amenófis I o sucedeu e aplicou-se à manutenção da paz em seu reino, como seu pai lhe havia pedido.

Devemos saber ainda que sob o reino de Amenófis I, cujo nome significa "Amon repousa em mim" o Egito conheceu grande desenvolvimento no campo das ciências, artes e literatura religiosa. Por exemplo, durante esse período foi inventada a depidra, que permitiu cálculos mais exatos, especialmente em astronomia. Por outro lado, muitos progressos foram feitos em medicina, como atesta o célebre "Papiro médico Ebers", que data dessa época. As técnicas para esculpir estátuas e pintar baixos-relevos também foram aperfeiçoadas. Finalmente; durante o reinado desse faraó foi terminado o "Livro de Amduat", coletânea funerária contendo as instruções ritualísticas que permitiam á alma do alecido dirigir-se ao Duat, mundo intermediário entre os deuses e os homens.

Amenófis 1 morreu sem deixar sucessor. Assim, um parente próximo foi escolhido para reinar com o nome de Tutmés 1, que significa "Aquele que foi gerado por Tot ". Tot era venerado como Mestre das "Palavras Divinas", ou seja, "Medu-Netjer", palavra egípcia que os gregos traduziram pelo termo "Hieróglifo ". Tutmés I, que desposou a irmã de Amenófis I para legitimar seu poder, é conhecido por haver estendido o protetorado do Egito á Síria do norte e para além do Eufrates. No plano arquitetônico, ele embelezou consideravelmente o templo de Karnak e acrescentou ao mesmo firma sala hipostila. Fato muito importante, ele foi o primeiro faraó a mandar construir uma tumba no Vale dos Reis, situado na margem oeste do Nilo. A propósito; esclarecemos que o Oeste era associados á morte e o Leste à vida, pelos egípcios.

Tutmés II, meio-irmão de Tutmés I, reinou em seguida, após ter desposado a filha deste último, Hatshepsut, cujo nome significa "Aquele que abraça Amon ". Muito rapidamente, ela se mostrou mais competente do que ele para governar. Mulher autoritária mas pacifista, ela incitou o esposo a desenvolver a rede administrativa do país, para reforçar a autoridade política do faraó. Para isto, ela multiplicou consideravelmente o número de funcionários encarregados de aplicar os decretos reais. Paralelamente, continuou o expansionismo iniciado por seus predecessores e fez alianças com muitos povos vizinhos, especialmente os núbios. No plano religioso, Tutmés II e Hatshepsut empenharam-se em cultivar suas relações com o clero, as quais tinham se degradado um pouco no reinado de Tutmés I.

Tutmés II não teve filhos com Hatshepsut, mas teve um filho com uma concubina chamada Isis. Ao contrário do que costuma acontecer em casos semelhantes, esse filho "ilegítimo" foi escolhido para sucedê-lo no trono do Egito. Mas como ele era muito jovem para reinar, Hatshepsut assegurou a regência do reino e acabou inclusive outorgando a si mesma o título de faraó, o que nunca tinha acontecido antes. Nos baixos-relevos do templo que ela mandou construir em Deir el-Bahari, na margem oeste de Tebas, ela foi representada como rei, usando a barba postiça. Ela reinou durante vinte e dois anos, com competência e determinação. De modo geral, manteve-se fiel á maneira com que tinha governado ao lado de seu falecido marido. Em outras palavras, adotou uma política fundamentada na manutenção de relações pacíficas com os países vizinhos, ao mesmo tempo estendendo a influência do Egito para além de suas fronteiras.

Hatshepsut

Quando o filho de Tutmés II e Isis alcançou a idade de reinar, foi oficialmente proclamado faraó e governou sob o nome de Tutmés III. Foi então que Hatshepsut o desposou, por afeição e porque isto lhe permitia continuar a dirigir o Egito. É verdade que, nesse sentido, como dizem os historiadores, eles exerceram juntos urna co-regência Mas, ao contrário do que eles em sua maioria afirmam, essa co-regência não diminuiu o jovem faraó nem o impediu de governar.

Segundo alguns textos místicos, tudo indica que essa maneira de reinar teve o total consentimento do faraó, pois isso lhe permitiu dedicar-se a tarefas que ele não poderia realizar devidamente se tivesse assumido sozinho o poder. Além disso, como não ver nessa dupla autoridade a dualidade tão cara aos Iniciados? Por outro lado, não marcaria ela o governo do Egito sob os auspícios do venerado casal Ísis-osiris?

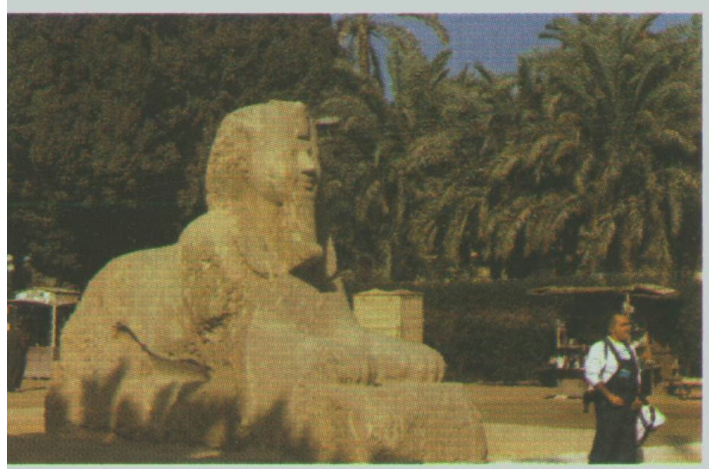
Para provar de que Tutmés III não se entendia com Hatshepsut, alguns egiptólogos afirmam que ele mandou desfigurar os cartuchos (selos reais) da rainha logo após sua morte. Pelas razões que acabamos de explicar, isso nos parece impossível, pois os textos de que dispomos dão a entender que não havia qualquer rivalidade entre eles. Parece que os próprios historiadores começam a mudar de opinião sobre esse ponto, pois alguns deles atualmente lançam a hipótese de que Ramsés II, faraó que reinou no início da 19ª dinastia; é quem teria decidido destruir as marteladas todos os monumentos ligados a Hatshepsut. Ele deve ter tomado essa decisão provavelmente para mostrar que não admitia que uma mulher pudesse subir ao trono do Egito e ser considerada a encarnação de Deus na Terra.

Em última análise, não há nenhuma dúvida de que a rainha Hatshepsut era uma iniciada de alto nível. Para comprovar isto, basta explicar que no templo de Deir el-Bahari, a que nos referimos anteriormente, ela mandou gravar um conjunto de cenas que os egiptólogos designam pelo nome de "Teogamia". Ora, o estudo dessa Teogamia testemunha grande conhecimento das leis cósmicas e do simbolismo universal. Por exemplo, uma das cenas representa AMON-RA com uma criança nos braços (a própria Hatshepsut) e soprando-lhe nas narinas para transmitir-lhe o alento da vida, o que naturalmente nos faz pensar em uma das principais leis da Ontologia Rosacruz, ou seja, "Deus criou o homem com o pó da terra e insuflou em suas narinas o sopro da vida, e o homem tornei-me alma vivente". Uma outra cena nos mostra uma criança bebendo o leite das deusas, o qual simbolizava a Luz Divina nos mistérios egípcios.

Outro acontecimento que atesta o quanto Hatshepsut era mística relaciona-se com a expedição que ela organizou para o país de Pount, que com toda certeza correspondia à Somália. Como confirmam os textos e ilustrações relativos a essa expedição, seu único objetivo era trazer daquele país as árvores de incenso, a propósito do que ela mandou gravar em uma estela que "esse era o alimento preferido dos deuses". O que dizer então da dedicatória que ela mandou esculpir no Speos Artemidos, templo que foi escavado em seu reinado nas falésias orientais do Médio Egito, nas margens do Nilo? Eis a dedicatória: "Minha consciência divina é orientada para o futuro, e meu coração está voltado para a eternidade. Eu glorifiquei Maat, pois Deus a aprecia e sei que ela vive Nele. Ela é o pão que gostou de comer e com o qual formo um só corpo". Você há de convir que essas palavras traduzem um elevado grau de espiritualidade e uma preocupação constante em servir à Divindade. Quando Hatshepsut faleceu, Tutmés III tinha 33 anos. Ele passou a governar sozinho e, como veremos na próxima monografia, trouxe grande brilho para o Egito, tanto no plano exterior quanto interior. Ele também foi um místico de alto nível.



Esfinge de Hatshepsut, que foi a única mulher a reinar no Egito. Ela coroou-se a si mesma como Farani.



Outro Angulo da Esfinge de Hatshepsut.

"O tempo de Deir el-Bahari foi construído por volta de 1500 a.C. por uma mulher, a rainha Hatshepsut, filha de Tutmés I da 18ª dinastia, o conquistador das províncias sírias. Foi a mais bela época da monarquia egípcia, quando o Egito vitorioso, expandindo-se para além de suas fronteiras, impôs sua civilização à Núbia e à Ásia, até as margens do Eufrates. Só por seu nome a edificação de Deir el-Bahari nos interessaria. Mas por uma outra razão ela é um testemunho inestimável para nós, pois o faraó de Deir el-Bahari foi uma mulher. Na longa série de soberanos que durante 4000 anos reinaram sobre os dois Egitos, aparecem outras mulheres que governaram pessoalmente, mas Hatshepsut foi a única a ser considerada verdadeiramente um Faraó. Deir el-Bahari é preciosa por este motivo, além de seu próprio interesse artístico, como fonte de conhecimentos de uma das figuras mais curiosas da monarquia faraônica.

"E embora essa grande rainha tenha reinado por mais de vinte anos e deixado monumentos imperecíveis, procuraríamos seu nome em vão nas listas oficiais de reis, conservadas nas tabuletas de Abydos e Sakara, escritas nos papiros de Turirt ou coligidas por Maneto. Os Faraós expulsaram essa mulher dos anais cronológicos os arquivos públicos a ignoram e nos ensinam que Tutmés I, pai de Hatshepsut, teve como seus únicos sucessores dois filhos, Tutmés II e Tutmés III. E se, espantados com esse silêncio dos arquivos reais, você se voltar aos monumentos para fazer perguntas à história oficial, observará o seguinte: as inscrições do reinado de Hatshepsut foram todas desfiguradas com golpes de martelo. Para lê-las, é preciso decifrar as ruínas e reconstituir as linhas quebradas dos hieróglifos. Em todos os baixos-relevos, a figura da rainha foi completamente destruída e seu nome obliterado.

"A verdade histórica não é fácil de discernir em meio às mentiras oficiais, aos erros involuntários, às interpretações interesseiras. O templo de Deir el-Bahari parece-se com um manuscrito palimpsesto cuja escrita antiga é laboriosamente decifrada por baixo do texto que a recobre. Foram necessários os pacientes esforços de muitos pesquisadores para ressucitar essa rainha esquecida das listas reais. Precisamos dizer que Hatshepsut foi uma grande rainha? Podemos pressupor que sim. Ela aparece dotada de energia, paciência e brandura, - é como a longínqua ancestral daquela linhagem de hábeis soberanos, como Catarina, as várias Elizabeth e Maria-Teresa, que apesar das dificuldades souberam se manter no trono, impor-se e perdoar. Ela parece ter possuído todas as qualidades de um Faraó e, sem dúvida, a única censura contra ela seria a de ter sido uma mulher. Se foi isto que lhe valeu ser apagada dos anais oficiais, reparamos esse fato voluntário ou esse esquecimento admirando Deir el-Bahari e aquilo que sobreviveu de sua obra, a obra da primeira mulher rainha."

A. MORET (1868-1938)

Tutmés III

Via de regra, o sucessor de um faraó era conhecido durante a vida deste e só podia ser o filho legítimo mais velho. No devido momento, bastava confirmar sua nomeação para instalá-lo oficialmente em sua função. De acordo com os rituais estabelecidos, ele era designado no decorso de uma cerimônia realizada na presença de todos os membros da família real e seus amigos. Mas no caso de Tutmés III, ele foi convidado para essa cerimônia sem saber que seria o eleito. Como os próprios historiadores confirmam a cerimônia aconteceu no templo de Kamak. Enquanto ele contemplava a procissão dos sacerdotes que carregavam a barca onde se encontrava uma estátua de Amon foi surpreendido quando eles se detiveram à sua frente. Conta-se que o Sumo Sacerdote, que dirigia a procissão, inclinou-se diante do menino e mostrou-lhe solenemente o cetro e o flagelo, símbolos de divindade e realeza. A partir daquele momento, todos compreenderam que ele tinha sido designado para ser o novo faraó do Egito.

Para corroborar esse relato tradicional, temos o que ele próprio declarou sobre sua nomeação. Eis a tradução do texto conhecido por todos os egiptólogos :

"Foi Amon que proclamou minha majestade, pois sou seu filho, aquele que ele ordenou que subisse ao trono, pois eu era como uma avezinha em seu ninho. Ele gerou-me em plena consciência, e sou o fruto dos milagres que ele cumpriu para mim, quando eu não passava de uma criança.

Amon fez a volta da saia do templo e me procurou, sem que ninguém pudesse compreender por quê. Quando ele me reconheceu, parou diante de mim e colocou-me ante Sua Majestade. Tudo que falei são coisas verdadeiras, que se desenrolaram na presença dos homens, depois de terem sido guardadas em segredo no coração dos deuses".

Depois de ser designado conforme o relato que acabamos de fazer; Tutmés III foi coroado durante uma outra cerimônia realizada em Mênfis, no templo de Ptà, cuja construção é atribuída a Menés, tradicionalmente considerado o primeiro faraó do Egito. Pelo que sabemos, essa cerimônia foi realizada em duas partes. Durante a primeira, ele foi apresentado ao povo no grande pátio, onde foi aclamado por todos. Durante a segunda parte, foi instalado segundo um ritual que o levou da primeira sala hipostila até o naos, onde recebeu solenemente todos os atributos de seu cargo. Esse ritual, que constituiu uma verdadeira iniciação, naturalmente não foi aberto ao público. Só participaram nele o Sumo Sacerdote, os sacerdotes, alguns membros da família real e os Iniciados das escolas de mistérios. Ao término dessa iniciação, Tutmés III foi considerado oficialmente faraó, ou seja, o filho de Deus e representante de Sua autoridade.

Tutmés III é geralmente apresentado pelos historiadores como um conquistador. Sabe-se que ele liderou 17 campanhas, após as quais o Egito se tomou o maior império daquela parte do mundo. Contudo, suas conquistas não foram motivadas pelo desejo de dominar ou submeter outros povos. Elas tiveram como propósito neutralizar os impérios vizinhos, que eram muito ameaçadores e belicosos, principalmente os de Mittanni e Hatti conhecidos por seu desejo desmedido de conquista. Por outro lado, é importante esclarecer que, a cada vitória, ao invés de exterminar ou aprisionar os vencidos, como em costume na época, ele tomava como reféns os filhos dos reis e nobres. Após educá-los em sua corte, entre os príncipes egípcios, eles os mandava de volta para o seu país, já adultos, e os instalava no poder, certo de que reinariam como amigos do Egito.

Tutmés III foi um pacificador, graças a ele, o país reinou durante muito tempo numa região que até então tinha sido palco de muitas guerras. Essa estabilidade favoreceu o intercâmbio com muitos países e permitiu que a cultura egípcia se espalhasse na África; na Bacia mediterrânea, tanto no Oriente Próximo quanto no Oriente Médio. Para facilitar as relações com aproximadamente 100 povos que compunha o império egípcio, ele mandou que fosse adotado o acadiano (antiga língua semítica) como língua diplomática oficial. No próprio Egito, ele trabalhou constantemente pelo bem de seu povo e empenhou-se em elevar as consciências, especialmente através da criação de escolas abertas a todos que desejassem se instruir. Além disso, suprimiu a transmissão hereditária de funções oficiais do Estado, como as de vizir, nomarca, juiz, etc., e nomeou para essas funções pessoas reconhecidas unicamente por sua competência, independentemente de sua classe social. Seguindo essa mesma linha de pensamento, ousou destituir o Sumo Sacerdote de Amon que tinha a tendência de às vezes

colocar-se no lugar do poder real. Ele o substituiu por um de seus amigos; Menkhperrreseneb, de quem exigiu submissão absoluta.

UM FARAÓ MÍSTICO

Tutmés III não foi só um grande faraó na forma de governar o Egito. Foi também um Grande Iniciado e desempenhou um papel fundamental na história de nossa Fraternidade. Desde a mais tenra idade ele manifestou grande interesse pela espiritualidade e passava horas meditando sobre os mistérios da vida, da morte e do além. Pode-se ler numa estela que ele mandou colocar no templo de Kamak: "Passei minha infância à sombra de Amon ". Isto confirma que ele foi educado num ambiente rústico. Sabe-se que foi Hatshepsut quem lhe assegurou grande parte de sua educação antes de desposa-lo quando ele atingiu a idade de assumir o poder. Hoje, esse tipo de relação nos pareceria indecorosa, mas na época fazia parte dos costumes e da moral, principalmente no seio da família real.

No reinado de Tutmés III já existiam escolas de mistérios. É impossível dizer com precisão em que época das foram fundadas. Contudo, se admitirmos que o Egito faraônico nasceu sob o impulso dos Iniciados atlantes, poderemos deduzir que foram eles os fundadores dessas escolas. Como explicamos na série de monografias dedicadas à Atlântida, eles eram os herdeiros da Tradição Primordial e por isto possuíam grande conhecimento das leis cósmicas. Assim sendo, assumiram a missão de perpetuar esse conhecimento, lançando no Egito os fundamentos de uma civilização nova que deveria servir de farol cultural e espiritual para toda a humanidade. Foi exatamente por assumirem essa missão que eles criaram as escolas de mistérios, enquanto instituíam para o povo uma religião inspirada e inspiradora.

A maioria das escolas de mistérios era ligada aos templos que tinham sido construídos no Egito ao longo dos séculos, entre os quais as próprias pirâmides. Como o nome indica, nossas escolas estudava-se os mistérios do universo, da natureza e do homem. Ao que tudo indica, só eram admitidos aqueles que dessem provas de sua integridade e de seu desejo sincero de chegar ao Conhecimento. Após serem devidamente preparados e depois iniciados, eram admitidos ao ensinamento dos Mestres, de acordo com uma progressão perfeitamente adaptada ao seu despertar interior. A propósito, você pode observar que mesmo nossa Ordem perpetua esse modo de proceder, o que se justifica diante de seu caráter tradicional e iniciático.

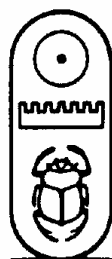
Durante séculos as escolas de mistérios do Egito funcionaram de forma independente. Em outras palavras, cada uma delas tinha suas próprias regras de funcionamento e seus próprios métodos de ensino. Tutmés III, que dirigia a escola anexa ao templo de Karnak, decidiu reuni-las numa só Ordem; governada pelas mesmas regras. Paralelamente, mandou construir naquele templo um edifício destinado a reunir regularmente os Mestres de todas as escolas de mistérios. Esse edifício, que ainda existe, é chamado "Akh-Menu" que significa Edifício consagrado aos Mistérios. Ele se apresenta na forma de uma grande nave central e duas naves laterais mais estreitas. Nota-se que a decoração dessas três naves comporta ilustrações muito significativas no plano simbólico. Por exemplo, todas as colunas estão cobertas de cenas de amor entre homens e divindades. Sabemos que essas cenas simbolizavam o objetivo a que aspira todo místico: a fusão com a Inteligência Divina ou iluminação.

Em virtude de sua grande sabedoria e profunda inteligência, Tutmés III foi nomeado Grande Mestre da Ordem por ele fundada, e a AMORC perpetua hoje seus ideais e ensinamentos básicos. Devemos explicar ainda que foi a partir de seu reinado que os reis do Egito passaram a ser designados pelo nome de "Faraós ", tradução grega do termo egípcio "Per Haa" que significa literalmente "A Grande Casa". Considerava-se, com efeito, que um rei digno desse nome devia ser a Casa de Deus, ou seja, o Templo da Sabedoria Divina. Seja como for, não há qualquer dúvida de que Tutmés III foi um ser excepcional e um dos maiores faraós do Egito. Ao falecer, sua múmia foi sepultada no Vale dos Reis, numa tumba cuja decoração é particularmente significativa no plano místico.

O cartucho de Tutmés III, formado por um escaravelho, um tabuleiro de xadrez e um círculo com um ponto no centro, lê-se como "Men-Kheper-Ra ", com o significado literal de "Estável é o Futuro de Ra " ou "O Futuro do sol é estável". Para os Iniciados que freqüentavam as escolas de mistérios, entretanto, o círculo com o ponto no centro simbolizava a Perfeição Divina. O tabuleiro de xadrez representava o mundo Imaterial e sua estabilidade aparente. Quanto ao escaravelho, era o símbolo da vida que evolui sob o efeito de seu próprio poder de geração.

Levando em conta esse simbolismo particular, podemos fazer uma interpretação mais esotérica do cartucho de Tutmés III, a saber:

"Toda Criação evolui para a Perfeição Divina por meio da Vida ". De modo geral, temos certeza que esta interpretação resume os fundamentos místicos da Ontologia Rosacruz.



Cartucho de Tutmés III

Com a morte de Tutmés III, o filho que ele havia tido com uma concubina chamada Meritre subiu ao trono do Egito com o nome de Amenófis II. Tendo reinado alguns anos ao lado do pai, ele estava bem preparado para assumir a função de faraó. Alguns historiadores o descrevem como uma personagem bastante cruel, baseados no fato de que diversas inscrições relatam fatos sangrentos que ele teria cometido em suas campanhas militares. Na verdade, essas inscrições eram acima de tudo dissuasivas e tinham o único propósito de causar medo aos seus inimigos. Contudo, é verdade que ele foi enérgico em sua maneira de governar, pois muitos povos vizinhos, especialmente os sírios, queriam tirar vantagem de sua juventude e se revoltar contra ele. Graças à sua coragem e firmeza, ele conseguiu reprimir essas revoltas e preservar a paz, não só em seu próprio país mas também em todo o império egípcio.

No plano puramente místico, Amenófis II esforçou-se para manter a Ordem que seu pai havia fundado e que, devemos lembrar, agrupou todas as escolas de mistérios que então existiam no Egito. Mas faltava-lhe autoridade, de modo que cada uma delas preferiu retomar sua autonomia. Mas em homenagem a Tutmés III e para respeitar sua vontade, elas continuaram a manter estreitas relações e a organizar reuniões gerais de tempos a tempos. Amenófis II não se opôs a essa decisão coletiva, pois ela não ameaçava a perenidade da Ordem. Ele próprio continuou a freqüentar a escola anexa ao templo de Kamak, e mandou ampliá-la anexando várias salas. Durante os últimos anos de seu reinado, ele mandou construir outros monumentos, entre os quais seu próprio túmulo no Vale dos Reis. Observe-se que só a sala contendo o sarcófago foi decorada, sendo as paredes recobertas com o texto integral do "Livro de Amduat", e o teto todo pintado com estrelas amarelas em fundo azul.

Tutmés IV

Ao contrário do que todos esperavam, o sucessor de Amenófis II foi um de seus filhos "ilegítimos", que reinou sob o nome de Tutmés IV. Ele havia sido avisado de que se tornaria faraó por um sonho muito significativo, cujo texto foi gravado numa estela de granito rosa, de 3,60 metros de altura, colocado entre as pernas da esfinge. Eis o texto:

"Um dia, aconteceu que o filho real Tutmés foi passear à hora 1ª do meio-dia. Serrou-se à sombra da Esfinge, o Grande Deus. O sono e o sonho apossaram-se dele no momento em que o sol estava no zênite. Então, a Majestade da Grande Deus lhe com sua própria boca, como um pai fala com seu filho. "Olha para mim, ó meu filho Tutmés. Sou eu, teu Pai Harmakls-Khepri-Ra-Atum. Dar-te-ei minha Realeza na Terra, à frente dos seres vivos. Portarás a coroa branca e a coroa vermelha no trono de Geb, o herdeiro. O Egito te pertencerá em sua extensão e sua largura, assim como tudo que o olho do senhor do Universo ilumine...".

Alguns meses mais tarde, Tutmés IV foi efetivamente designado para reinar sobre o Egito, durante uma cerimônia parecida com a que ocorreu na ascensão ao trono de Tutmés III. No plano político, ele nada fez de muito especial, no sentido de que herdou um império estável e bem estruturado. Ele se empenhou em manter as fronteiras e desenvolver ainda mais as relações com os povos vizinhos. Seguindo essa linha de pensamento, desposou uma das filhas

do rei de Mitanni. Mutimuia, com quem teve um filho. No plano interno, ele instalou sua corte em Tebas, por um lado porque essa cidade tinha se tomado o centro comercial mais importante do Egito, e por outro porque ele queria exercer um controle maior sobre o clero oficial, que estava instalado naquela cidade. Contudo, Kamak continuou sendo, aos seus olhos, a cidade mais sagrada de todas.

Ao que tudo indica, Tutmés IV foi o herdeiro espiritual de Tutmés III e assumiu a missão de perpetuar sua obra esotérica. Assim, ele desejou devolver à Ordem a unidade em parte perdida durante o reinado de Amenófis II. Ele próprio empreendeu o esforço de visitar regularmente cada uma das escolas de mistérios do Egito, dando assim uma prova de que todas elas tinham aos seus olhos a mesma importância que a de Kamak, da qual ele se tomara membro muitos anos antes. Graças a essa iniciativa e à sua personalidade profundamente mística, ele



Cartucho de Tutmés IV

conseguiu a unanimidade entre os Iniciados que freqüentavam as escolas e foi designado por eles para ser seu Grande Mestre. A partir de então a Ordem tomou-se verdadeiramente uma Fraternidade única e conheceu um novo impulso, a ponto de irradiar-se para além das fronteiras do Egito.

O cartucho que vemos acima é o de Tutmés IV. Como você pode constatar, ele se parece bastante com o de Tutmés III, o que confirma que ele foi seu herdeiro espiritual. Para sua informação, lê-se "MEN-KHEPER U-RA" e significa "as manifestações de RA são estáveis" ou "o ciclo do sol se perpetua".

A Ordem fundada por Tutmés III e reativada por Tutmés IV tinha como símbolo o círculo com o ponto no centro, símbolo que figurava em seus respectivos cartuchos ou selos:



Justamente por seu significado profundamente esotérico, este símbolo representava por si só o propósito da Ordem: servir ao Deus único, perpetuar o conhecimento das leis divinas e dar acesso à Iluminação. Ele também representava a unidade que formavam todos os membros que dela faziam parte, e que pertenciam às diversas escolas de mistérios do Egito.

Amenófis III

Tutmés IV reinou durante cerca de 15 anos e morreu quando tinha cerca de 40 anos, cercado por seus entes queridos e membros mais eminentes da Ordem. O filho que ele teve com Mutimuia o sucedeu, com o nome de Amenófis III. Como não tinha mais que doze anos quando foi designado para ser o faraó, sua mãe governou em seu lugar, contando para tanto com o auxílio dos antigos conselheiros de seu falecido marido. Ela reinou com sabedoria pelo tempo necessário e fez tudo que esteve em seu poder para manter relações pacíficas com os países

vizinhos. Quando Amenófis III alcançou a idade de reinar, ela passou-lhe o poder e ficou á disposição para aconselha-lo em caso de necessidade. Fato raro na história egípcia, ele desposou uma jovem de origem não real, filha de um casal importante da cidade de Adwúm, situada no Médio Egito. Essa jovem, chamada Tiy, exerceu uma influência muito benéfica sobre o faraó. Segundo os textos de que dispomos, constata-se o interessante fato de que seu pai e sua mãe, chamados respectivamente Huy e Tuya, eram membros da Ordem.

Como confirmam os historiadores, foi sob o reinado de Amenófis III que o Egito do Novo Império atingiu seu apogeu político e econômico. Graças ao poderio do exército, ele soube se fazer respeitar sem precisar recorrer a campanhas militares, e isto a despeito dos sinais de sublevação no interior e exterior do império egípcio. Esse contexto relativamente favorável permitiu-lhe dedicar bastante tempo á construção de diversos monumentos. Entre esses, citamos em particular o templo de Luxor, concebido por um arquiteto conhecido pelo nome de Amenhotep, filho de Hapu que era a um só tempo amigo íntimo do faraó e um dos membros mais respeitados da Ordem. Esse templo, de grandiosidade e beleza excepcionais, era consagrado ao Ka real, ou seja, ao duplo espiritual do faraó. Isto explica por que certos baixos-relevos desse templo o representam adorando a si mesmo. Os egiptólogos interpretaram essa auto-adoração como uma prova de megalomania. Na realidade, ela simbolizava o fato de que o homem deve aprender a se conhecer e venerar seu próprio Rei interior, fonte da Sabedoria Divina.

O reinado de Amenófis III também foi marcado por grande número de inovações no campo da arte. Por exemplo, foi nessa época que apareceu a técnica do "pano molhado" que dava ás estátuas uma expressão de doçura e harmonia que até então nunca se tinha conseguido. A escultura e a pintura dos "olhos de amêndoa" datam desse período e deram ao olhar das divindades e faraós uma intensidade toda especial. Esse gosto pela estética manifestou-se nas roupas, especialmente entre as mulheres que se apresentavam com vestidos muito femininos e usavam muitas jóias. As casas não ficaram isentas dessa vontade de expressar a beleza na vida diária. Assim, muitas foram construídas dando preferência não só ao conforto interior como também ao aspecto exterior, e era comum ver mansões enfeitadas com jardins e fontes.

Como atestam alguns textos hieroglíficos, o templo de Luxor, na época de Amenófis III e Tiy., servia de palco para dramas iniciáticos para os quais o povo era convidado. A cada ano, mais ou menos no fim do mês de março, uma cerimônia especial acontecia ao cair da noite; no lago sagrado desse templo. Uma magnífica barca dourada, chamada "Barca de Aton", atravessava-o de uma margem a outra, tendo a bordo o faraó usando uma máscara representando o deus Ra, e a rainha usando uma coifa que era a efígie da deusa Maat. No plano exotérico, essa cerimônia tinha por objetivo simbolizar o fato de que o Egito se parecia com uma barca comandada e dirigida pelo casal real. No plano esotérico, significava que o homem é um ser dual e que seu corpo é a barca, ou melhor dizendo, o veículo graças ao qual sua alma atravessa as águas da vida e evolui para a Perfeição.

O que dissemos a respeito da "Barca de Aton" é muito importante, pois essa foi a primeira vez que um faraó se referiu publicamente a Aton, símbolo do Deus único que só os Iniciados veneravam durante seus rituais secretos. Essa referência é ainda mais marcante considerando-se que o clero oficial da época pregava o culto de Amon, até então apresentado como a Divindade Suprema que o povo egípcio devia adorar. Ao que tudo indica, isso só foi possível porque o próprio Sumo Sacerdote fazia parte da Ordem e concordou em que doutrinas puramente místicas fossem progressivamente integradas aos cultos religiosos. Mas porque também havia chegado o momento de preparar o caminho para Amenófis IV que, como veremos na próxima monografia, imporá o monoteísmo como a religião do estado.